

## Conclusão

Quando a rede de lojas do *Boticário* lançou, em enormes outdoors, o famoso auto-retrato de Tarsila do Amaral, *Manteau Rouge* (1923), para promover uma nova linha de perfumes, uma coisa ficou clara: existe um modernismo de consumo, alheio ou indiferente ao modernismo acadêmico. A prática de incorporar as obras de arte moderna como “imagens” de produtos vendidos em larga escala já ocorrera antes, quando a Nestlé lançou uma série de reproduções, de Picasso a Tarsila, nos rótulos e copos de requeijão. Esse é o tipo de “dessacralização” que os apocalípticos apontam como lado perverso da indústria cultural, pois converte tudo em mercadoria, até aquilo que deveria se opor às leis de consumo; e os integrados apontam como o lado democratizador da cultura de massa.

Em relação às linhas de perfumes do Boticário, o quadro de Tarsila confere um toque de classe e glamour. O refinamento, uma espécie de bom gosto *näïf*, é justamente o capital simbólico investido nesse tipo de propaganda, através dele toca-se no inconsciente do consumidor. A obra de arte, logo, é o veículo entre a concepção “espiritual” da marca e os desejos dos seus usuários. No entanto, tudo produzido em larga escala tende a se diluir ou perder seu sentido. Um exemplo foi o uso indiscriminado do conceito de antropofagia para explicar uma série de mixagens culturais, do Tropicalismo ao Mangue beat, sem levar muito em conta se havia uma identidade entre elas; ou ainda mais maquiavélico, para manter a hegemonia cultural de determinado movimento, no caso uma relação de parentesco entre tropicália e mangue beat explicada pelo discurso antropofágico.

O efeito colateral desse raciocínio foi diluição da *práxis* antropofágica, pois em sua remixagem tropicalista ressaltou-se seus aspectos de fusão cultural, resultando numa visão unânime sobre a cultura nacional. Toda a unanimidade é burra, dizia Nelson Rodrigues, antes de ser uma unanimidade. *O Ano do Brasil na França*, organizado pelo ministro da cultura Gilberto Gil, por vias tortas, exemplifica a diluição. Na exposição dedicada “Música antropofágica”, dentro do bloco “Raízes musicais do Brasil”, a curadora da exposição, Dominique Dreyfus, em entrevista para *Folha de São Paulo*, assim definiu antropofagia:

Nos anos 80, surgiu o conceito “world music”, que no Brasil é genético. A diferença brasileira é a fusão. É como se fosse uma

feijoada, em que o feijão viesse da Colômbia, o coentro de Marrocos, a farinha do México, mas o gosto saísse brasileiro.

Até que ponto a “world music” não seria uma “macumba para turista”? Sua relação com a antropofagia só explica pela tradução única de fusão cultural, destituída de sua força utópica, de sua crítica aos valores ocidentais. Há uma nascente reação a Oswald de Andrade, derivada de sua canonização pelos concretistas e tropicalistas. O jornalista Jerônimo Teixeira, em resenha para *Veja* do livro *Feira das sextas*, afirma que “falta consistência” às teses da poesia “pau-brasil” e da antropofagia. Seu argumento situa-se sobre três flechadas do modernista fora do alvo: a) no Manifesto da poesia Pau-Brasil defendia a “poesia de exportação” - hoje “o maior produto de exportação da literatura brasileira não é um poeta, e sim Paulo Coelho”; b) contra o purismo dos gramáticos defendeu a “língua sem erudição” - deu em “Lula com suas metáforas futebolísticas e sua sintaxe peculiar, o primeiro presidente pau-brasil”; c) previu o surgimento do homem natural tecnizado - o resultado seria os índios, protegidos em suas reservas, usando DVDs e laptops para negociar com traficantes de diamantes”<sup>1</sup>.

A ojeriza do jornalista, em sua simplicidade analítica, se volta contra o “personagem” Oswald de Andrade, o mito, ou a julgar pela sua “interpretação” das teses oswaldianas, o profeta. Ao tomar Paulo Coelho como realização das “profecias” do “Manifesto pau-Brasil”, o autor esquece que Machado de Assis também foi exportado e faz parte do cânone da literatura universal. Mas Paulo Coelho não parece digno de nos representar (talvez fosse melhor a escrava Isaura?). Silviano Santiago, com sua verve peculiar, no artigo “Outubro retalhado”, associa o sucesso internacional do “alquimista” como uma má exportação, porque o autor não assume sua responsabilidade junto ao idioma nacional e “se deixa embalar pelo canto da sereia neoliberal com a volúpia, a insensatez e a ‘naïveté’ de um selvagem das idéias”<sup>2</sup>. O fenômeno de vendas revela uma “miopia universal” e todo o jogo de interesses que rege o descompromisso do *best seller* com “o analfabetismo e o desemprego”. O autor universal ignora os problemas nacionais, nada mais anti-oswaldiano. Por outro lado, o “mago” faz bem aos intelectuais brasileiros, porque mostra que a obtusidade artística é um bem universal. Viva Paulo Coelho!

---

<sup>1</sup> Revista *Veja*. 10 de novembro de 2004.

<sup>2</sup> *apud*. Folha de São Paulo. Supl. Mais! 16 de novembro de 2003.

Outra reação à unanimidade antropofágica: *Regurgitofagia*, do multimídia Michel Melamed. Neste texto-espetáculo, o autor propõe a superação da antropofagia, porque “já deglutimos coisas demais”:

Oswald de Andrade [...] aludia à deglutição do Bispo Sardinha [...] para propor que [...]deglutíssemos as vanguardas européias a fim de criarmos uma arte genuinamente brasileira. E hoje? Continuamos a “deglutir vanguardas” ou tem-nos sido empurrada goela abaixo toda a sorte de informações? Regurgitofagia: “vomitar” os excessos a fim de avaliarmos o que de fato queremos redeglutir. (MELAMED, 2005, p. 68).

A leitura de Melamed é claramente mediada pela construção tropicalista da antropofagia; assim como Caetano, ele não foi além do manifesto de 28. Para recusá-la, curiosamente, o autor recorre ao formato dos textos concretistas e a verve humorística da poesia de 70, ironicamente as fontes de influência oswaldiana. Diante do excesso de informação, afirma, é impossível agir com a avidéz antropofágica, porque precisamos de tempo para refletir; como diria Machado de Assis, nada mais inteligente do que ruminar. Desse modo, sua crítica se insere no interior de uma sociedade de alto consumo de informação sem reflexão. Sociedade a qual Oswald recusou em sua remixagem do conceito de antropofagia. Melamed confunde “antropofagia” com “canibalismo”, como o próprio Caetano Veloso confundiu. A tradução de antropofagia como canibalismo ignora o contradiscurso à própria sociedade capitalista, pois insinua que ela é adesão ao consumo, quando propõe sua superação.

Por fim, Oswald e Mário de Andrade foram devorados pela rede Globo. A mini-série *Um só coração*, presente da emissora carioca à cidade de São Paulo pelos seus quatrocentos e cinquenta anos passou a perna numa das hipóteses desta a tese, ou a confirmou de modo inesperado. Em quatro séculos, os roteiristas escolheram justamente o marco de 22. A mini-série sucedeu outro projeto da autora Maria Adelaide Amaral, a peça *Tarsila*. A peça, na qual colaboraram as autoridades de Telê Ancona Lopes, Aracy Amaral, Antonio Candido e Gilda Mello e Souza, incorporou vários trechos das correspondências dos modernistas, grande parte as de Mário, para ficcionalizar a “vida” dos modernistas. Esse parece ser o interesse renovado pelas publicações das cartas, lê-los na intimidade. O repertório bibliográfico como fonte para uma ficção, porto seguro da verossimilhança. A peça elege Oswald, Tarsila, Mário e Anita como personagens centrais do movi-

mento modernista. Tal redução ao básico permitiu a autora, pelo viés feminista, restituir o papel das duas mulheres na evolução do modernista.

A historiografia literária minimizou ou simplesmente desprezou a importância das duas pintoras e de Pagu. Em parte, isto se explica pelo fato da literatura, até o Modernismo, ter sido uma atividade masculina. A pintura fazia parte do rol de atividades femininas, como a música, no qual a moças passavam seu tempo ocioso. Anita e Tarsila iniciaram na pintura no seio familiar. As omissões foram uma *traição* ao espírito de 22, porque em um dos pontos em que esta geração foi avançada, em relação aos padrões de sua época, foi justamente ter aceitado as mulheres. Para Décio Pignatari, em termos de novidade criativa, o modernismo foi um movimento de “dois homens e duas mulheres” (1998, p. 78). No entanto, isso não significa que o modernismo tenha um pouco de feminismo, até mesmo porque a *feminilidade* foi um tabu para alguns escritores, como Mário de Andrade.

A peça apresenta uma “história privada” do Modernismo, restabelecendo alguns contextos perdidos, como o papel de Mário na elaboração da “antropofagia”. Na sua passagem para a televisão, os autores exploraram o lado sentimental – nada mais anti-modernista – da relação entre Mário e Anita. A tônica foi apresentá-la como uma amante platônica do escritor. Em relação a este sentimento não-correspondido, Sérgio Miceli faz uma leitura surpreendente do auto-retrato “nu” de Anita, o qual dá presente para o amigo, como uma forma dela se desnudar, numa tentativa de conquistar o parceiro (2003, p. 119).

No final, a mini-série realizou-se como ironia da máxima oswaldiana – “a massa há de comer os biscoitos finos que fabrico”. Mas na realidade, a massa devorou o personagem Oswald. A própria linearidade narrativa da mini-série foi anti-modernista. Mas há algo de importante aqui, impossível de ser ignorado: o interesse pela vida privada das celebridades. Nesse sentido, as crescentes publicações das correspondências de Mário de Andrade, além de satisfazer as necessidades da cultura literária (segundo ela, isso é sua razão de ser), também satisfazem a curiosidade dos leitores diletantes. Penetrar na intimidade do escritor talvez seja o único interesse dos leitores não especializados, que as lêem sem o pudor do crítico literário. Portanto, no atual estado de coisas, o movimento modernista realizou seu último ato: tornar-se um produto de massa.